

“Picareta de algodão”: um instrumento de trabalho

Cotton pick: work device

Gecelda A. Nunes da Silva¹

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo demonstrar como venho trabalhando em psicoterapia com uma paciente que apresenta graves falhas em seu desenvolvimento psicológico inicial. Para isso, utilizo referenciais psicanalíticos teóricos e técnicos, assim como faço uso dos meus sentimentos e da minha própria personalidade para acessar suas falhas evolutivas. Por meio desses recursos, a paciente regride a esse estágio inicial e, a partir daí, vem sendo possível sua evolução. ‘Picareta de algodão’ é uma metáfora dos recursos que venho utilizando em seu tratamento.

Palavras-chave: transferência; contratransferência; identificação projetiva; regressão; desamparo.

Abstract: This present article aims to show how I’ve been working in psychotherapy with a patient who has several damages in her initial psychological growth. Using psychoanalytic references and my own feelings and personality to access her evolutionary damages. Through these resources she comes back to an initial phase then it turns possible an evolution. Cotton pick is a resource’s metaphor I’ve been using in her treatment.

Key-words: transference; counter transference; projective identification; regressen; abandonment.

Sob esse título, pretendo dar uma ideia de como vem sendo construída a subjetividade de Roberta, em seu tratamento comigo. Procurou-me por estar com doença pulmonar e “depressão profunda”. Ela tem cinquenta e dois anos, é casada e mãe de três filhos. É funcionária do setor privado e está afastada do trabalho. Mostra-se tímida e assustada. Já na primeira . entrevista diz estar muito cansada, como se estivesse “puxando uma carroça pesada lomba acima e não tem mais força para carregá-la”. Traz consigo o livro “Inteligência Aprisionada” e diz que sua cabeça está assim: “aprisionada e sem ventilação.”

¹ Formada em Psicoterapia Psicanalítica para adultos pela Fundação Universitária Mário Martins. Curso de extensão em psicanálise também pela Fundação Universitária Mário Martins e um ano de mestrado em Psicopatologia do Desvalimento pela UCES- Universidade de Ciências Empresariais e Sociais de Buenos Aires-Argentina.

Embora já tivesse doença cardíaca, respiratória e outras doenças psicossomáticas, conseguia trabalhar. Entretanto, devido a atritos com a direção da empresa e à morte do pai, perdeu as condições de trabalho. Sente-se desanimada e fraca não conseguindo cuidar nem dela, nem dos filhos. Sua relação com o marido mostra-se precária. As brigas são constantes, porque ele não ganha salário e, ela, sustenta a todos sozinha.

Roberta não tem amigos, evita qualquer relacionamento interpessoal, não sabe se conduzir socialmente e só sai de casa para ir ao médico e à psicoterapia. Percebe-se muito dependente do marido e sem nenhuma autonomia. Diz “não saber quem ela é”. Compara-se ao filho, o qual é “alegre, ativo, do movimento”. Ela é “do canto, sem movimento”. Usa o mar como metáfora. Seu filho é o “mar”; ela, a “areia”.

Em uma família de três filhos, Roberta é a do meio. O pai era agricultor e a mãe, costureira. Quando o avô materno morreu, sua irmã era bebê. A mãe, deprimida, não conseguiu cuidá-la, deixando com uns tios. Nestas condições, engravidou de Roberta. Durante a gravidez, sofreu “acidentes” e quase morreu. Não conseguiu cuidar de Roberta, pois tinha medo de machucá-la. Não a amamentou, porque sentia nojo. A avó materna encarregou-se de seus cuidados, vindo morar em sua casa. Ambas dormiam numa cama de solteiro. Roberta sentia-se “sufocada”, porém não reclamava de medo de a avó ir embora. Um dia de fato ela se foi, deixando Roberta desesperada. A mãe não entendia porque ela chorava e desestimava seus sentimentos, dizendo ser “frescura ou bobagem” o que ela sentia. Ignorava suas reclamações da alergia que as roupas lhe causavam, e o enjoo que Roberta sentia de seu perfume.

Quando estava com sete anos, o irmão caçula nasceu. A mãe disse que agora ela era “grande” e tinha de largar o bico. Até os doze anos, a mãe deu-lhe mamadeira na cama. Alegava que era para impedir que Roberta “fizesse sujeira”. Era também obrigada a usar a mesma roupa e uniforme escolar a semana toda, para não dar trabalho à mãe.

Na escola, Roberta não interagiu nem com a irmã. Era extremamente insegura e não confiava em ninguém. No recreio, sentava num “tronco de árvore e ficava observando as formigas trabalharem”. Sua visão ficava “turva” de olhar para elas. Roberta destacou-se na

escola, não por entender o que estudava, mas porque decorava a matéria.

Roberta foi crescendo e surgiu a curiosidade sobre o corpo feminino. Expiou uma tia no banho e, por causa disso, as tias “brigaram de facão”, confirmando o que a mãe dizia: “curiosidade mata”. Aos quatro anos, Roberta foi abusada pela avó, que manipulou sua vagina e a expôs a uma tia. Poucos anos depois, ela e a irmã, foram abusadas por um familiar, tendo “morrido”, para ela, a curiosidade. “O prazer, nunca existiu”. Ela foi ficando cada vez mais insegura e retraída, pela desproteção vivida. Roberta formou-se na área da educação e fez pós-graduação em educação e saúde, mas nunca exerceu a profissão.

Aos dezoito anos, Roberta teve uma “grave depressão” e só então, foi levada a tratamento. Neste período, tinha crises conversivas que só o pai conseguia desfazer. Ela temia que a menstruação “subisse à cabeça e a enlouquecesse”, como a mãe dizia.

Profissionalmente, ela desenvolvia “atividades mecânicas” que não lhe exigiam pensar, como fazia em sua vida pessoal.

EVOLUÇÃO E DISCUSSÃO

No início, Roberta mostrava-se muito receosa. Às vezes, ficava de pé em frente à porta, “sapateando,” muito ansiosa e desconfiada e com dificuldade de respirar. Ou fazia perguntas sobre minha vida pessoal. Algumas eu respondia. Eu sentia precisar responder, pois ela “odiava” quando a ex-terapeuta lhe devolvia a pergunta. Os fenômenos mentais da vida passada e presente de Roberta começam a emergir favorecidos pelo setting. Transferencialmente, ela vai estabelecendo comigo uma relação pautada em suas relações iniciais de medo e desconfiança. Roberta me vê como um de seus objetos internos e procura me fazer reagir de acordo com eles (CAPER, 2002).

Por certo período, senti muita angústia. O “clima” entre nós era “pesado”. Primeiro, por uma sensação de morte. Depois, por violentas brigas por não gratificá-la concretamente. Eu permanecia atenta a todos os seus movimentos, e respondia com o coração.

Contratransferencialmente, eu sentia precisar ser o oposto de seus objetos, mesmo pressionada para ser um deles. As projeções de Roberta para dentro de mim, fazendo-me ter uma sensação de morte, remetiam-me a Bion (1967), a respeito do “terror sem nome”. Em “Uma teoria sobre o processo de pensar”, o autor diz que, no desenvolvimento normal, a mãe é capaz de conter as projeções e modificar as sensações insuportáveis à mente do bebê. No entanto, se ele projeta na mãe a sensação de estar morrendo e a projeção não é aceita, ele sente que lhe foi retirado esse significado. Então é reintrojado não um medo de morrer, mas um pavor indefinível sem nome, como parece ter sido o que aconteceu à minha paciente.

Gradativamente, fui compreendendo as comunicações que Roberta faz de seu mundo interno e de suas relações objetais. Caper (2002) refere que esta comunicação, é um esforço inconsciente do paciente, no caso, Roberta, para me ajudar a aprender e a pensar sobre seu mundo interno. Lentamente, foi se criando uma “película” de relacionamento entre nós. Ela foi se ‘desarmando’.

Uma das queixas de Roberta era ser sua mãe “dura e áspera como um pedaço de ferro frio.” Assim também eram as bolsas que a mãe usava. Um dia, pediu para examinar a minha. Após o exame, disse que minha bolsa é o contrário da de sua mãe: bonita, macia e feminina. Levanto a hipótese de que, na situação em questão, Roberta estava apenas se certificando de que eu sou bonita, macia e feminina, em contraste com sua mãe pois tudo indica que o desenvolvimento psicosssexual dela, encontra-se em um nível pré-genital, não tendo a bolsa ainda um simbolismo sexual.

As queixas a respeito da mãe continuavam. Roberta não lembra de ter recebido colo, carinho, abraço. Percebe-se como a mãe - “dura e fria”- existindo “muitas camadas duras e pretas, sem ventilação” estando ela, “presa lá dentro”. Então diz que para acessá-la, “é preciso uma picareta dura, daquelas que furam asfalto”. Neste momento, sinto que isto, ela sempre teve e que preciso ser uma ‘picareta de algodão’ para que, com maciez e delicadeza, as camadas duras e pretas se dissolvam e seu verdadeiro Eu se desprenda.

Roberta tenta me fazer ser dura e fria como a mãe. Na medida em que não correspondo ao que me solicita, suas reações vão se alterando. Passou a manifestar gosto pelo jeito com

que me visto, com que a trato e por minha preocupação com ela. Um dia, chegou repugnada com um perfume experimentado na rua. Perguntei se ela não queria lavar o pulso. Ela aceitou. Agradeceu-me, pois nunca se daria conta que podia livrar-se do cheiro. Pela via da identificação projetiva, Roberta me comunica sua incapacidade de pensar numa solução para seu desconforto.

Segundo Bion (1967), esta forma de comunicação é própria do relacionamento infantil pré-verbal, no qual partes do self de Roberta foram projetadas para dentro de mim, fazendo-me encontrar uma solução para ela, visto não discriminar quem sou eu e quem ela é.

Roberta possui um baú infantil que nunca mostrou a ninguém. Aos poucos, vai trazendo livros, fotos e desenhos para a sessão. Ela vai se “soltando” e me permitindo entrar no “baú de seus registros mnêmicos”. Por uns seis meses, sentou-se no chão com tudo “esparramado”. Roberta mostra-me seu mundo interno concretamente. Ela não possui no dizer de Bion, “um aparelho para pensar seus pensamentos” e teremos de construí-lo. Às vezes, trazia jogos. Fazia-me sentar no chão para jogar com ela. Eram jogos infantis. Ela ficava curiosa para saber como eu deduzia que jogada fazer. Eu explicava. Precisava descrever-lhe o que eu sentia, quando ela, é quem deveria sentir. Expressava também meus pensamentos. Nesse ambiente estruturado e diferenciado dos demais, ela ia criando coragem de mostrar suas falhas evolutivas.

Tratando um paciente com o pensamento concreto como o de Roberta, Segal (1991), notou que o simbolismo concreto prevalecia quando a identificação projetiva era intensa. Nestas condições, diz a autora, o que se produz é uma “equação simbólica”, na qual o símbolo substituto é sentido como o objeto original.

Portanto, ao me perceber como seu objeto original, Roberta coloca em mim - comunica- um estado mental que lhe é insuportável. Ao conseguir identificar, conter, compreender e interpretar o que ela não conseguia suportar, a estou munindo de uma capacidade para suportar o que lhe é insuportável, sendo este o modelo bioniano de continência e de transformação dos elementos tóxicos beta impensáveis em elementos alfa, possíveis de serem pensados.

O interesse pelo que ofereço aumenta. O perfume que uso, passa a atraí-la. Perguntou-me qual era e comprou um para si. Tudo o que faço, ela nota. Encanta-se com minha flexibilidade em me pintar, me vestir, pois ela não consegue trocar de roupa, a semana inteira. Às vezes, vem de pijama para a sessão. Roberta suga, absorve qualquer manifestação minha. Durante a sessão, olha o relógio muitas vezes e, com expressão de lamento, diz que o tempo está “contra ela”, já que quando está comigo, a “hora voa”.

Numa sessão, pede mais um horário para não interromper o que estava tratando. Julguei que ela estava ‘faminta’ de contato comigo e eu não poderia negar-lhe. Ao final dos noventa minutos, ainda lamenta que seu tempo tenha terminado. Não viu o tempo passar. Nem eu. Roberta me inunda de disposição para atendê-la e entendê-la. Mantenho-me o tempo todo ligada nela. Não me canso, não me angustio como antes, apesar de sentir seu desespero. Mantenho-me serena. Ela nota. Diz começar a sentir uma “tênue ventilação” ao perceber que “não me assusto e não me altero com sua loucura”.

Noutra sessão, conta que assistiu o filme ‘Olga’ e descobriu que não sabe pensar. O que aprendeu é mecânico, decorado. Age como um robô. Roberta vai dando mostras de não ter tido uma mãe capaz de conter e compreender suas angústias e seus medos. Ao contrário, negava sua existência, deixando-a à mercê da pulsão de morte, totalmente desamparada. Assim são as sessões: repletas de dor e desespero. Às vezes, ela se desorganiza. Num momento, dou-lhe chá ou água, em outro, massajeio suas mãos para desfazer as cãibras. Ela alterna entre sentar no chão ou na poltrona.

Deste modo vamos construindo uma relação, uma mente. Ela se dá conta que só comigo tem este vínculo. Torna a se queixar da mãe. Esta, “nunca teve olhos para ela”. Tendo perguntado à mãe o que ela sentira com seu nascimento, a resposta foi: “nada”. Perplexa, perguntou: “como assim? O que tu sentiu quando eu nasci?”. A mãe diz: “nada, guria! O que tu queria que eu sentisse?”. Num pranto desesperado, diz: “e é isso o que ela sente por mim. Nada!”. Fico em silêncio, solidária com sua dor.

Roberta necessita que eu a toque. Insiste em dizer que precisa muito de mim e chama-me de “meu amor”. Diz que, diferentemente de sua mãe, eu tenho “olhos para ela”. A relação

com os filhos começa a dar sinais de mudança. Descobriu que, ao ser tocada por mim, está aprendendo a tocá-los. Timidamente se arrisca a brincar com eles. Não como mãe, mas como outra criança. Compra brinquedos que sonhou ter, para que ela possa brincar.

Roberta, que vivia como um bebê sem esperanças de existir, começa a ver o consultório (setting) e os meus cuidados (reverie) “como um útero quente, aconchegante, onde está sendo gestada”. O da mãe era “frio, turvo, onde ela sentia-se ameaçada de morrer”. Está convencida que os acidentes que a mãe teve enquanto a gestava foram tentativas de suicídio. Este é o registro que ela possui. Só agora entende seu medo de água.

Penso que houve um fracasso em Roberta usar a mãe como continente de suas projeções, o que resultou em sua fixação, num estágio primitivo do desenvolvimento psicológico (Klein). Entretanto, no encontro comigo, ocorre uma regressão a esse estágio e, a partir deste ponto, Roberta vem tendo a chance de re-experimentar suas relações iniciais e ressignificá-las.

Seu Eu vem sendo ‘construído’. Já mais discriminada, ela começa a ver diferenças. Descobre que pepsi e peps não são a mesma coisa, igualmente não o são, a carne de tatu, parte do boi e o animal tatu; o coxão (carne) e o colchão, a réstia de cebola e o resto de cebola; o ‘modess’ e o absorvente. Descobriu que ‘modess’ é uma marca de absorvente. Quando questionava a mãe, ela dizia: “Lá vem tu com estas bobagens. É tudo igual!” Roberta me diz encantada: “E não é Gecelda. É muito diferente!” Descobre a diferença entre ela e a mãe; que sua mente não é igual à da mãe. Descobre que pode pensar. Mostra-se fascinada. Seus olhos brilham. Lembro do filme “O Carteiro e o Poeta”, quando o carteiro descobre a metáfora.

Do pensamento concreto e das equações simbólicas (Segal), Roberta vai avançando e começa a me reconhecer como alguém diferente dela. Ela quer mais. Está curiosa. Vislumbra uma esperança de descobrir quem ela é e que essa descoberta possa ser comigo, pois se deu conta que o que busca, a mãe não tem para lhe dar. Entende agora o que a avó materna dizia: “tua mãe não tem cabeça”.

Roberta é muito, muito atenta em mim. Constato não ser o que digo, mas o que sou

que ela aproveita e utiliza em sua “construção”, pois ela assim se define: está se “construindo”. Torna a sentir esperança de sair das “camadas duras e pretas” e descobrir “quem ela é”. Diz: “Estas camadas já estão trincadas” e começam a aparecer “nuances de cor”. Em dado momento, com muita dor, ela diz: “Minha mãe é uma mãe morta, Gecelda! Que tristeza eu ter que admitir isso!” Em outro momento, constata: “Minha mãe tinha que ter tido e não teve uma ação específica pra que eu hoje, pudesse saber quem sou”. Creio que venho tendo essa ação específica e sendo uma substituta materna viva, para ela se espelhar e se identificar.

Aparece o pai e seu lado artístico. Começa a aparecer também o de Roberta. Ela manifesta seu gosto por teatro, música, dança. Brota de dentro dela, uma mãe atenta, perspicaz, e preocupada com o que os filhos lhe comunicam. Surpreendo-me com a compreensão que vem tendo deles.

Férias eram um problema. Roberta perdia meu olhar e parecia que tudo o que construíamos se perdia. Tratando sua fúria, reaparecia nossa construção. Numa de minhas férias, Roberta fez uma cirurgia e eu a acompanhei pelo telefone. Em meu retorno, trouxe uma descoberta: constatou que presença física não é igual a estar acompanhada. A mãe estava fisicamente presente, mas ela a sentia ausente. Comigo, ao contrário, embora fisicamente distante, ela me sentia próxima e se sentia cuidada por mim. Essa descoberta reforçou sua crença de ser possível existir sem o olhar materno. As “camadas duras e pretas” estão ficando cada vez mais abertas. Sente-se mais “ventilada” e estar cada vez mais próxima dela mesma.

Parece que começa a se instalar em seu ego um objeto mais confiante, compreensivo e calmante, tal como os autores consultados preconizam num tratamento analítico eficaz. Creio que Roberta vem elaborando o luto por não ter vivido uma relação mãe/bebê satisfatória. Está avançando rumo à posição depressiva.

Alguns meses depois, Roberta descobre ter enfisema pulmonar. Ela já o tinha há mais tempo, só não ‘escutou’ o diagnóstico. Apesar disso, não se sente “condenada a morrer sem ar”. A cor se define. Roberta passa a ligar seus sentimentos aos pensamentos. Conclui que está “crescendo”, pois já se vê separada da mãe. Surge um “arco-íris de cores e é pra sempre”.

Procurei demonstrar a evolução no processo terapêutico de Roberta, descrevendo o modo como ela me produz, através da identificação projetiva, estados mentais que são recursos que utilizo na exploração de seu inconsciente. Aquilo que se processa no encontro entre a mente (transferência) de Roberta e a minha (contratransferência) é o que vem possibilitando a construção de sua subjetividade.

‘Picareta de algodão’ é, portanto, uma metáfora dos recursos psicanalíticos teóricos e técnicos, aliados à minha personalidade, para suprir as necessidades vitais infantis de Roberta, que buscam serem atendidas.

Agradecimentos

Quero agradecer à minha analista Astrid E. M. Ribeiro, pela continência e paciência comigo.

Ao meu supervisor Marco Aurélio C. Albuquerque, pela incansável disposição em acolher à mim e à minha paciente. Também agradeço à psicanalista Ariane F. Severo, por me incentivar na publicação deste artigo.

Referências

- Bion, W. R. **Estudos Psicanalíticos Revisados**. Ed. 1988, R. J. Imago Editora. p. 107.
- Bion, W. R. (1967) Uma teoria sobre o processo de pensar. In__: **Estudos psicanalíticos revisados**. Rio de Janeiro: Imago, 1988, p. 101-109. Série Analytica.
- Caper, Robert. **Tendo Mente Própria**. Uma visão kleiniana do self e do objeto. R. J. 2002.
- Freud, Sigmund. **A dinâmica da transferência**. Obras completas, 1912, Imago.
- Heimann, Paula. As fontes da contratransferência no paciente. In: Zaslavsky, J. ; Santos, M. J. P. dos. **Contratransferência: teoria e prática**. Porto Alegre: Artmed. 2006. p. 19.
- Klein, Melanie. **Obras completas de Melanie Klein**: vol. III. Inveja e Gratidão e outros trabalhos (1946). R. J. Imago, 1991.

_____. **Inveja e Gratidão**. Ed. Imago, 1984.

Segal, Anna. **A obra de Anna Segal**: Uma abordagem Kleiniana à prática clínica. Imago, R. J. 1982, p. 81-83.